



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Maclei Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez 805 (800 reis)
Semestre 1330 (1300 reis)
Um ano 2660 (2600 reis)

Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)

Pobre socialismo!

Segundo o relato dos jornais diários desta cidade, o senador socialista, sr. Domingos Basto, no banquete oferecido ao furi-bundo ex-franquista e hoje democrático, sr. Leote do Régo, saudou entusiasticamente na pessoa do «ilustre oficial» a marinha de guerra portuguesa e os seus feitos gloriosos para o engrandecimento da pátria.

Estas palavras saídas da boca duma criatura que se diz socialista, são sintomáticas. Como se sabe, a grandiosa manifestação de domingo passado tinha por escopo despertar no ânimo do povinho tripeiro mais uma dose de patriotismo, afim das hostes dominantes poderem fazer mais á vontade o seu joguinho como a já célebre intervenção armada de Portugal no horrroso conflito europeu.

Assim, por traz de todos aquêles discursos preparados de antemão nos sinistros bastidores das lojas maçônicas e dos centros dos partidos burgueses, des-cortinaram os individuos que lutam sinceramente pela emancipação do proletariado, o luto, a dor, a miseria, a orfandade e a viuvez, alem dum terrível agravamento de impostos que há muito ensaiam para levar á prática os governantes deste desgraçado país.

A burguesia e o capitalismo portugueses, acham muitissimo pouco o que comem anualmente em rendimentos. Querem mais,

intervenção armada ao lado da «panela de ferro» surgiu-lhes como uma mina inexgotável, pois o que lucram com ela triplicar-lhes-há a bagalhoça e dar-lhes á uma postura bem saliente nas páginas da história. Participando dos louros colhidos a ferro e fogo com as costelas alheias, apresentar-se-hão ás gerações futuras como criaturas imaculadas que trabalharam porfiadamente para que Portugal cumprisse á risca o espirito dos tratados de aliança firmados recente ou remotamente, se essas gerações forem duma palermice á toda a prova, como as gerações patriotas da actualidade.

Os interesses dos parasitas não conhecem limites nem processos, diz-nos a filosofia popular. E na verdade, para um bom observador, os factos diários comprovam tudo isso. Pois en-

tão não vemos nós como, para enriquecimento duns tantos tubarões, se lançam umas contra outras, no meio do furor mais tigrino, avalanches e avalanches humanas, sedentas de sangue e embuidas num falso preconceito de heroicidade e glória que nada, absolutamente nada lhes aproveita? Não vemos como os homens se trucidam, se esfacelam mutuamente para defendem os que os exploram no intuito de os elevar á categoria de triunfantes e vencedores?

Sim; infelizmente vemos isso a toda hora e a todo o instante. O homem continua a ser o lobo carniceiro do homem. A sociedade burguesa recebe, ao nascer, um anjo e depois procura, com a sua educação, transforma-lo num bandido ou num autómato disposto a satisfazer-lhe todos os apetites e ambições.

As manifestações patrióticas de agora não tem outro fim. Os intuitos bestialissimos dessas criaturas—verdadeiro cancro social—andam na descortinação de novos proventos e de novas be-nesses que só a guerra lhes pode dar. E de aí o seu afan, a sua insistencia em alegrar o ânimo do povinho para, á traição, lhe cravar lentamente o punhal nas costas e o roubarem á má cara...

Mas o «nosso» socialista, guindado ás culminâncias duma cadeira senatorial do municipio, não enxerga semelhantes coisas. Na mira de botar figura, junta-se ás outras burguesas e capitalistas, comerciais e industriais, aplaude os seus gestos criminosos e sauda com todas as forças da sua alma uma instituição que tem por norma assegurar o predomínio das castas dominantes, esmagando, se tanto fôr preciso, as justissimas reivindicações dos que trabalham, quando elas as afrontam.

Daqui se pode inferir, portanto, que a saudação feita pelo senador socialista, representa um tácito assentimento á obra de dissolução e morte que pretendem organizar os que tudo lo mandam em Portugal... e seus dominios...

Pobre socialismo! Em que mãos foste cair. Se já não estás um burguez feito, pelo menos os que dizem defender-te, indo aos parlamentos, estão a aburguesar-te...

ALFREDO GUERRA

As atrocidades da guerra

The Labour Leader, órgão do Partido Operário Independente inglês, observa:

«Se os jornais ingleses fôsem traduzidos em alemão e os alemães em inglês, se cada referência á Alemanha se mudasse para referência á Inglaterra e vice-versa, e se os nomes das cidades britânicas fôsem substituídos pelos de cidades germânicas e reciprocamente, os jornais poderiam vender-se tanto num como noutro país. Cada imprensa tem as suas histórias de atrocidades; as suas alegações de violação de leis internacionais, a sua condenação do assassinato de não-combatentes. E não precisamos de buscar só nos jornais alemães tais acusações contra os aliados: são feitas também na imprensa das nações neutras, ao lado das lançadas contra a Alemanha.»

O jornal socialista inglês cita em seguida novas e horríveis atrocidades praticadas pelos russos e reveladas por um jornal israelita dos Estados Unidos e prossegue depois:

«A acusação de matadores de crianças está sendo levantada contra os aviadores aliados exacta-

mente como entre nós fôra feita contra os aviadores alemães. Assim, o Nija Dagligt Attehandla, de Estocolmo, deu em 18 de Abril uma descrição da incursão aérea da véspera sobre Friburgo. Perto da igreja do Coração de Jesus explodiu uma bomba, matando um operário; outra fôrou um telhado e decepou o braço direito a uma mulher; outra explodiu no meio de numerosas crianças que brincavam na rua, matando cinco e ferindo gravemente sete. Pela mesma bomba foram também mortos um cocheiro e seu cavallo e gravemente feridos dois homens. A verdade é que, naturalmente, a guerra desta natureza conduz inevitavelmente á chacina de não-combatentes.»

Recentemente, os aviadores franceses realizaram uma grande façanha dessa espécie: o bombardeamento de Carlsruhe, cidade aberta. Resultado: 84 mortos ou feridos não-combatentes.

Hervé protesta contra a proeza e pergunta se os neutros não vão «dizer que a «cultura» francesa vale tanto como a «cultura» alemã. E La Bataille Syndicaliste acrescenta: «... Esta operação, por mais lamentável que seja, terá ao menos como resultado desembaraçar-nos para sempre de certos ca-

suistas da imprensa que passam o tempo a procurar demonstrar-nos que há uma guerra «á francesa» e uma guerra «á alemã».

Noutro número, o diário sindicalista mostra a inconsequência dos patrioteiros estúpidos que gemem quando os alemães lançam bombas sobre cidades francesas e rejubilam quando as cidades alemãs é que apanham. O crime é sempre o mesmo e a guerra de represálias é sempre uma infâmia. «Verdade seja que hoje andam á solta os instintos mais ferozes da besta humana. Afinal de contas, talvez seja bom que acabe esse gracejo jornalístico que consiste em taxar o inimigo de bárbaro e em se outorgar a si próprio todas as virtudes.»

As atrocidades em larga escala são um dos males inerentes á guerra.

Notas Rubras

Manifestações da fome

Num jornal diário desta cidade encontrei, há dias, a seguinte notícia:

«Em Paredes, umas duas mil pessoas, armadas de machados, foices roçadeiras e cacetes, opuzeram-se ruidosamente ao embarque de uns 14 carros de milho que os açambarcadores queriam mandar para fóra.»

E' já consideravel o número de factos iguais a este que se tem dado em diversas terras do

O povo, farto de ser roubado pelos traficantes dos géneros alimentícios, começa — emfim! — a olhar para as causas que determinam a situação desgraçada em que vegeta.

No Funchal tambem se deram nos principios do mez passado, acontecimentos importantes por motivo do monopólio moageiro denominado pelas classes deserdadas de—regimen da fome.

De ha muitos anos, na monarquia e na republica, que o povo do Funchal vem protestando, baldadamente, contra o regimen cerealifero aplicado á Madeira. E ultimamente, como a situação económica do operariado se tem agravado em virtude da guerra actual, as associações de classe daquela cidade reclamaram a livre importação de farinha, visto essa autorisação beneficiar o proletariado. Não tendo porem sido atendidos, e havendo informações de que se preparava um grande embarque de batata, foi resolvido encerrar o commercio e paralisar a industria no dia 7 afim de obrigar as autoridades competentes a darem ouvidos ás suas reclamações.

Em varios successos que nesse dia e no dia immediato se desenvolveram foi um homem assassinado e outro ferido gravemente pela força armada, chegando até a serem dadas por suspensas as «garantias.»

Embora esses acontecimentos ficassem tristemente assinalados, temos de concordar que o povo afirmou claramente o seu espirito de rebeldia, pois que chegou a invadir as fabricas de moagem e a trazer para a rua alguns sacos de farinha para dividir entre si.

Por toda a parte, finalmente, as multidões oprimidas e exploradas começam a despertar, acordadas pela garra negra e feroz desse espectro horrivel que se chama—a fome.

Oxalá que essa onda de revolta se não spague, a ver se novas energias se erguem a secundar os gestos de revolta que alguns peitos fortes e corajosos tem feito contra os infames especuladores da miséria do povo.

C. RODRIGUES

NA ITALIA

O movimento antiguerrista

Prometemos enumerar as causas principais que obstarão ao completo desenvolvimento e ao triunfo do movimento antiguerrista na Italia. Essas causas já as indicamos ligeiramente; mas, em vista da importância da lição a inferir, de novo as resumimos aqui, um pouco mais largamente.

Reconheçamos em primeiro lugar a habilidade dos politicos matreiros e maquiavêlicos que dirigem o Estado italiano, quer nas cadeiras ministeriais, quer na bancada duma falsa opposição.

Dizia-se que o governo só vivia enquanto o asiuto Giolitti quisesse; que a maioria parlamentar estava nas mãos d'este; que o velho macacão era contrário á intervenção do país na guerra, achando preferível obter compensações por meios diplomáticos... E o povo confiava, tranquilo. Guerra? Quall Giolitti e a sua maioria derribariam o govêrno, se ele se fizesse fino.

Aproxima-se o momento decisivo. Giolitti faz uma falsa manobra, finge atacar, apoiado pela sua gente. O gabinete demite-se... mas promove, nas cidades mais burocráticas e burguesas, como Roma, ruidosas manifestações intervencionistas e antigiolittianas. E' a «opinião» que se manifesta. Giolitti recusa aceitar o poder. Salandra, seu compadre na farsa, é de novo chamado. E o parlamento, visto isso, dá o seu apoio patriótico. A vontade do país, pois então! Até Alcates De Ambris aproveitou o ensejo para se declarar deputado a valer, afim de votar a favor do ministério.

Está representada a comédia, com grande êxito. Falando da fingida ingenuidade dos intervencionistas pseudo-revolucionários, que reclamavam «a guerra ou a revolução», o órgão da União Sindical Italiana, Guerra di Classe, diz com amarga ironia: «O rei afinal contentou-os e fez bem; quando os revolucionários, para ficar em paz não pedem outra coisa, fácil é contentá-los. E o rei contentou-os. E o rei pode agora dormir os seus sonos tranquilos. Neste caso, é verdadeiramente irresponsável em face de qualquer acontecimento. A manobra Salandra-Giolitti conseguiu lançar para cima do povo e dos revolucionários todas as responsabilidades. E quem nos garante que não é tudo uma paródia de outras comédias já vistas em 1860?»

Da parte do povo, além da desorganização, apatia e inconsciência habituais da maioria, houve, repetimos, essa confiança na opposição giolittiana ou mesmo na opposição parlamentar e nas combinações politicas do socialismo de parlamento. Desastrado messianismo!

Este sentimento, este estado de espirito é facil de compreender entre nós, pois em Portugal ninguém acredita na possibilidade material duma intervenção a valer na guerra europea, e essa convicção geral paralisaria qualquer movimento antiguerrista que se tentasse em larga escala. Na Italia, a principio, tambem se supunha que a preparação militar do país impediria as aventuras.

Mas havia ainda, a tolher os movimentos populares outro sentimento: o desânimo, o sentimento da impotência ante a grande calamidade já desencadeada na Europa e que outros povos, com fama de conscientes e bem organizados, não tinham querido ou podido evitar com a revolução.

Quanto aos revolucionários sociais, escusamos de insistir sobre as consequências da attitude dos intervencionistas pseudo-revolucionários, que na Italia foram verdadeiros traidores, chegando ás

maiores e ás mais inacreditáveis aberrações em actos, ideas e palavras e que puderam dar a ilusão duma profunda divisão, acalentados e trombeteados pela imprensa burguesa.

E causa assombro o descaro com que Charles Albert, imitando o jornalismo burguez no bluff impudente, escreve que, na Italia, fizeram campanha pelo intervencionismo estatal «os melhores e mais ousados revolucionários! Três ou quatro nomes conhecidos, precisamente os que mais excessos de gestos e linguagem cometeram, perfilhando afinal ideas meramente republicanas, e o resto quase tudo antigos guerristas da aventura tripolina, individualistas adoradores do belo gesto e da escola de energia, á moda de D'Annunzio, o poeta da corrupção burguesa, e republicanos sobretudo!

Há meses, Malato escreveu: «No que estou plenamente de acordo com Malatesta é em exortar os revolucionários a não se enfeudarem aos seus adversários sociais. Perfeitamente! E tanto em França como na Italia, defendamo-nos das aviltantes apostasias!»

Mesmo pondo de lado a nossa opinião—que o intervencionismo é de per si só uma apostasia—não vimos na Italia, os intervencionistas unidos e subordinados ao radicalismo burguez e aos nacionalistas, e até por vezes protegidos contra os revolucionários pelos nacionalistas e pela policia?

Há 1620 anos!

Estamos no ano de 295, a 12 de março, na cidade de Tebessa, colonia romana.

Eis o jovem Maximiliano, que comparece, com seu pai Vitor, perante a comissão inspectora, da qual fazem parte o proconsul Dion, o advogado do fisco, o agente imperial e o official de justiça. Trava-se o dialogo seguinte:

O proconsul Dion.—Parecendo o recruta Maximiliano apto para sofrer as provas do serviço militar, requeiro que seja medido no estalão. (Dirigindo-se a Maximiliano.) Como te chamas?

O recruta Maximiliano.—Para que queres saber o meu nome? E'-me vedado ser soldado, pois sou cristão.

O proconsul Dion.—Bem. Official, coloca este homem no estalão.

Maximiliano.—Seja! (Coloca-se no estalão). Mas não posso ser soldado, não posso praticar mal—sou cristão.

O proconsul Dion.—Made-o! O official de justiça.—Tem cinco pés e dez potegadas.

O proconsul Dion.—Marcai-o! Maximiliano.— Não quero receber a insignia, não posso ser soldado.

O proconsul.—Sê soldado, para não seres punido com a morte.

Maximiliano.—Não serei soldado; corta-me a cabeça, se queres. Não posso ser soldado para o seculo: sou soldado para o meu Deus...

Enfim, após novas e inuteis objurgações, o proconsul dá ordem para matar o recruta.

Outro documento mostra um centurião romano da legião trajana atirando, numa festa, o seu cinturão ao chão diante das insignias da sua legião (isto é, diante da bandeira) e recusando servir por mais tempo. E' igualmente executado.

Deve-se notar que a Igreja santificou esse soldado e esse centurião e que ainda hoje os festeja com grande pompa! Figuram mesmo, sem duvida, nos calendários.

Hoje, o christianismo official, a Igreja, é um dos melhores esteios dos Estados e das guerras e os católicos os mais militaristas.